



Esta apresentação é resgatada de um trabalho realizado no âmbito do projecto “Falas do Mar” do IELT / NOVA FCSH, coordenado por Ana Paula Guimarães em 2010-2011, que deu origem a um relatório de noventa e cinco páginas, adaptado posteriormente a um artigo publicado na Galiza em 2013.¹ O problema de partida centrou-se na influência do cancionero popular e das temáticas marítimas na obra poética de José Afonso, a partir da pesquisa de fontes bibliográficas e discográficas realizadas na Associação José Afonso de Setúbal e de cancioneros populares consultados na Biblioteca Nacional. A canção lírica e satírica de raízes populares encontrou uma surpreendente renovação nas últimas décadas de resistência à ditadura (1933-1974) e após o 25 de

¹ “E o mar é tão grande: utopia e liberdade nas cantigas de José Afonso”. *A Trabe de Ouro. Publicación Galega de Pensamento Crítico*, 96: 45-62, 2013. ISSN: 1130-2674. URL: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4688912> Versão online em Mural Sonoro (2017): <https://www.muralsonoro.com/mural-sonoro-pt/2017/3/2/86jcozih165btcoevavhxyenkjibr>

Abril de 1974 na luta pela consolidação da democracia participativa. Em ambos os processos José Afonso foi o trovador da liberdade e uma das figuras mais marcantes da canção de intervenção portuguesa. Ao longo da sua obra cultivou e recriou diversos géneros musicais, como o “fado de Coimbra” e cantigas tradicionais de várias regiões do país, ao mesmo tempo que revelava na sua poesia uma enorme liberdade de fantasia enternecida, solidária ou sarcástica, proporcionada pelo perfeito entrosamento entre a palavra e a música.²

A ruralidade constituiu um dos elementos estruturantes da sua vida e obra, presente em canções de embalar, de roda e de trabalho, ouvidas durante a infância e juventude em Belmonte e Coimbra, às quais imprimiu os mais legítimos anseios de liberdade e fraternidade. Em casa do tio Filomeno em Belmonte descobriu as cantigas tradicionais da Beira Baixa, a ópera, o lirismo do “fado de Coimbra” e a voz de Edmundo Bettencourt. Em Coimbra viveu a adolescência em casa da tia Avrilete, partilhando terços e novenas entrelaçados em contos populares inventados pela Joana, serviçal da casa. O período do liceu à universidade foi de intensa rebeldia, entre a boémia e a redenção, que José Afonso definiu mais tarde em diferentes fases: a **do futebol** no Campo de Santa Cruz com os colegas do liceu, e posteriormente como extremo-direito nos juniores da Associação Académica; a **fase das cantigas** no Orfeão Académico e na Tuna, vagueando pela cidade e pelas republicas estudantis; a **fase do Coral de Letras** que ajudou a fundar, ao qual pertenceu Lúcio Lara (dirigente do MPLA), e a **fase do Ateneu**, do convívio com os “futricas”, quando rejeitou a tradição e a praxe académica.

² Das cento e vinte e cinco canções da coletânea Movieplay, na qual setenta e uma têm poesias de sua autoria. As restantes cinquenta e quatro remetem para diversos autores distribuídos da seguinte forma: fados de Coimbra (14), canções populares (20) e outras (20). Os catorze fados de Coimbra interpretados por José Afonso são respetivamente da autoria de Ângelo Araújo, António Menano, António Nobre, Carlos Figueiredo, Edmundo Bettencourt, Felisberto Ferreirinha, Fortunato Fonseca, Mário Faria Fonseca, Paulo de Sá e Tavares de Meio. Das vinte canções populares cinco são da Beira Baixa, três dos Açores e as restantes de Trás-os-Montes, Beira-Alta, Alentejo e Galiza. As restantes vinte canções têm como autores Aires Nunes (trovas do séc. XIII), António Quadros, Barnabé João (pseudónimo de António Quadros), Bertolt Brecht, Luís Francisco Rebello, Fernando Miguel Bernardes, Fernando Pessoa, Hélder Costa, Jorge de Sena, José Carlos Ary dos Santos, Lope de Veja, Natália Correia, Luís de Andrade (Pignatelli), Luís de Camões, Nicolau Tolentino e Reinaldo Ferreira (Discografia, Associação José Afonso).

Semeio palavras na música. Não tenho pretensões de dar a estas minhas deambulações pela música popular qualquer outro rótulo. Faço apenas canções. A canção insere-se sempre dentro de um processo. A sua eficácia depende do processo em que se insere. A sua importância depende da vastidão desse processo (José Afonso, cit. Rogério Ribeiro, 1994).



“José Afonso, trovador, é o mais puro veio de água que torna o presente em futuro, que à tradição arranca a chama do amanhã, a primeira voz da massa que avança em lume de vaga, a mais alta crista e a mais terna faúlha de luar na praia cólera da poesia, da balada nova” (Urbano Tavares Rodrigues, cit. Rogério Ribeiro. 1994, *Zeca Afonso – Poeta, Andarilho e Cantor*. Lisboa: Associação José Afonso.

“A obra de José Afonso insere-se na tradição poética portuguesa, desde as barcas que levavam para a guerra o amigo, das canções trovadorescas de Martin Codax, passando pelas águas, o arquétipo das almas apaixonadas e livres de *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, até ao vento, símbolo romântico da paixão e da revolta” (Óscar Lopes cit. Eduardo Raposo. 2007. *Canto de Intervenção (1960-1974)*. Lisboa: Público, p. 65).

Coimbra sempre lhe pareceu uma cidade pequena e o mundo académico atroficante para o seu génio desassossegado e livre, e então vagueava. Numa entrevista a Viriato Teles recordou as “Dormias ao relento, muitas vezes sozinho, outras vezes com outros gabirus e os auto-stop de capa e batina como deambulações que lhe permitiram confrontar-se com realidades que desconhecia (Teles, 1983: 21). “**Menino do Bairro Negro**” (1963) nasceu de uma dessas deambulações à boleia, até ao Porto, cidade onde os amigos lhe deram a conhecer a Ribeira e o Barredo. Como mais tarde recordou: “Tudo aquilo me chocou de uma maneira espantosa. (...) Lembro-me de ter visto os meninos que pululavam por aquelas ilhas. Foi uma coisa que eu pensei que só existisse nos filmes” (Salvador, 1983: 79). “Menino do Bairro Negro” e “Os Vampiros”, gravados em 1963, revelavam já o cunho de intervenção social e política que marcou toda a sua obra.

"Menino do Bairro Negro" (1963)

Olha o sol que vai nascendo
Anda ver o mar
Os meninos vão correndo
Ver o sol chegar

Menino sem condição
Irmão de todos os nus
Tira os olhos do chão
Vem ver a luz

Menino do mal trajar
Um novo dia lá vem
Só quem souber cantar
Virá também
(...)



As sucessivas andanças por terra e mar aleadas ao desassossego existencial revelam-se na maioria das suas cantigas, nas quais o mar é um tema recorrente. Na poética da sua obra encontramos o mar e as fainas marítimas associadas a pessoas e realidades sociais concretas, ou como metáforas de revolta e contestação. A presença do mar relaciona-se com as suas viagens entre África e Portugal desde a infância, com os dias de veraneio passados em Espinho e na Figueira da Foz e as deambulações pelas praias do sul quando aportou em terras algarvias. As águas do mar provocaram sempre uma emoção intensa e no cancionero popular a sua largueza ou imensidão é um tema recorrente, assim como as fainas piscatórias e a labuta dos “trabalhadores do mar”, cuja bravura exaltou em **“Os Bravos” (1967)**, canção frequentemente cantada em coro pelos estudantes das ilhas dos Açores e Madeira das repúblicas “Corsários das Ilhas” e “Couraça dos Apóstolos” que frequentou.

“Os Bravos” (Popular açoriana/José Afonso, 1967)

Eu fui à terra do bravo
Bravo meu bem
Para ver se embravecia
Cada vez fiquei mais manso
Bravo meu bem
Para a tua companhia.
(...)
As ondas do mar são brancas
Bravo meu bem
E no meio amarelas
Coitadinho de quem nasce
Bravo meu bem,
P’ra morrer no meio delas.
(...)



Cancioneiro Popular

As ondas do mar são brancas
E no meio amarelas
Coitadinho de quem nasce
Para morrer no meio delas.
(Vasconcelos, 1975: 20)

O mar da saudade e das ausências está muito presente na tradição popular, para expressar as emoções daqueles que ficam, quando as vicissitudes da vida obrigam a partir para além-mar os familiares e amigos. Em **“Balada de Outono” (1960)**, que alguns estudiosos afirmam de ruptura com o fado de Coimbra, o poema aponta para uma maior liberdade formal na construção das estrofes, com versos livres e desconcertantes, característica que vai assumir como sua, de acordo com “o seu temperamento de homem pouco dado a regras e cedências” como observou Jorge Cravo (2006: 44). Mais tarde, liberto do romantismo coimbrão o autor recria em **“Menina dos Olhos Tristes” (1969)** o poema de Reinaldo Ferreira, para atribuir visibilidade à guerra colonial e ao drama das mães, esposas e noivas de milhares de soldados forçados a partirem na incerteza do regresso.

“Balada de Outono” (José Afonso, 1960)

Águas
E pedras do rio
Meu sonho vazio
Não vão acordar
Águas
Das fontes
Calai
Ó ribeiras chorai
Que eu não volto
A cantar.
Rios que vão dar ao mar
Deixem meus olhos secar
Águas
Das fontes calai
Ó ribeiras chorai
Que eu não volto
A cantar
(...)



**“Menina dos Olhos Tristes”
(Reinaldo Ferreira / José Afonso, 1969)**

Menina dos olhos tristes,
O que tanto a faz chorar?
- O soldadinho não volta
Do outro lado do mar.
(...)

Em 1960 aportou a terras algarvias como professor e descobriu o mar da libertação, primeiro em Lagos, partilhando com “figuras típicas” da cidade, “as beberragens, os arrozes de conquilhas e as caldeiradas” intercaladas de cantigas. Depois em Faro, percorrendo inúmeras coletividades e espaços públicos onde partilhou a sua arte maior. As suas especulações existenciais e metafísicas encontraram o epicentro do debate no convívio com um grupo de intelectuais, companheiros de viagens marítimas e de utopias, que alargaram os seus horizontes literários e poéticos. Nos versos de **“Tenho Barcos, Tenho Remos”** (1962) expressa as vivências partilhadas em comunhão perfeita com o mar algarvio, agrupados “numa espécie de ciclo fraterno representativo de uma das fases mais felizes da vida do autor” (Simões & Mendes, 1995: 98). O poeta-cantor cria a partir de uma quadra de uma canção popular de Olhão um poema em que se interroga sobre o seu percurso de vida, idealizando-se barco, navio, mar, livre de amarras, no qual expressa o amor por Zélia, a “quem não pode chegar” em virtude do controle social a que estavam sujeitos. As temáticas marítimas passam gradualmente a expressar o seu posicionamento político, produto das vivências com alunos trabalhadores estudantes de Faro e de Olhão que o despertaram para novas realidades sociais (Salvador, 1983: 137).

“Tenho Barcos, Tenho Remos” (José Afonso, 1962)

Tenho barcos, tenho remos
Tenho navios no mar
Tenho amor ali defronte
E não lhe posso chegar.

Já fui mar já fui navio
Já fui chalupa escaler
Já fui moço, já sou homem
Só me falta ser mulher.

Cancioneiro Popular (Olhão)
(...)

Tenho barcos, tenho redes
Tenho sardinha no mar
Tenho uma mulher bonita
Que não me quer trabalhar
(Vasconcelos, 1975: 274)



Em Olhão deambulava pela vila, em passeatas puramente contemplativas “pelas cabanitas e pelo cais”, apreendendo a labuta dos “trabalhadores do mar”. Dessas passeatas e das relações que foi estabelecendo com os pescadores, nasceu entre outros o poema **“Ó Vila de Olhão!”**. Como recordou mais tarde “Não sei bem porquê. Imaginava-a a terra do trabalho, ou a terra de indivíduos temperados pela experiência” (Salvador, 1983: 139). Também o escritor Raul Brandão, na sua obra “Os Pescadores” (1922), descreveu os sentimentos de igualdade e fraternidade que caracterizavam “o marítimo de Olhão”, consciente de que no mar os homens eram todos iguais, por enfrentarem os mesmos perigos e partilharem o mesmo destino. A fragilidade e incerteza da faina marítima alimentava a religiosidade dos pescadores e reforçava a solidariedade, “arriscando a vida para salvar a dos outros: hoje por ti, amanhã por mim”.

“Ó Vila de Olhão” (José Afonso, 1964)

Ó vila de Olhão
Da Restauração
Madrinha do povo
Madrasta é que não
Com papas e bolos
Engana o burlão
Os que de lá são
E os que pra lá vão
E os que pra lá vão
E os que pra lá vão
(...)
Larga ó pescador
O que tens na mão
Que o peixe que levas
É do teu patrão
É do teu patrão
É do teu patrão.
(...)



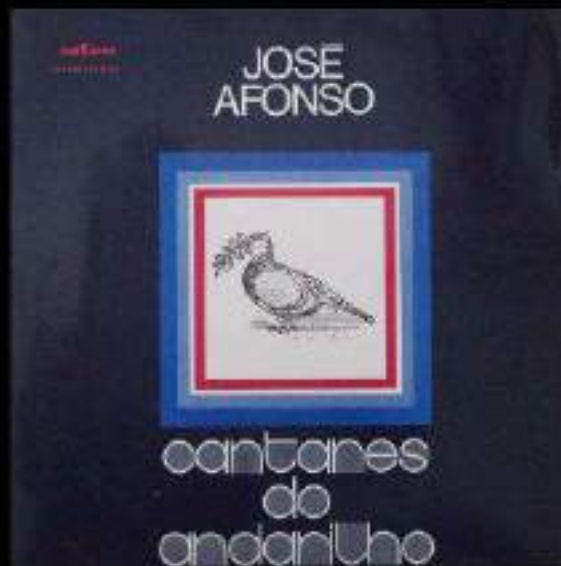
COLUMBIA - SLEM 2182 - 1ª edição (1964) EP proibido pela capa e conteúdo da canção, posteriormente reeditado.

Em “**Vejam Bem**”(1968) José Afonso aleou a criatividade poética à mais genuína vontade de apelo à mobilização e consciencialização política, numa espécie de hino da “geração de 70”. A canção foi tema do filme “O Anúncio”, apresentado no Festival de Cinema Amador do Cineclube da Beira, que narra as adversidades de um homem sujeito a todas as privações, obrigado a dormir ao relento e a roubar para comer. É à luz deste contexto de luta pela sobrevivência que podemos entender a linha melódica e o texto rimado de José Afonso (Simões & Mendes, 1995: 104). A expressão “gaivotas em terra” aponta no sentido da transformação social, e “quando um homem se põe a pensar” representa o primeiro passo para a concretizar, pelo pensamento consolidar o sentido da acção. “Dormir ao relento” é uma expressão frequentemente utilizada na sua obra poética como experiência, para representar as privações ou o encontro fraterno dos que partilham os mesmos ideais de mudança.

“Vejam Bem” (José Afonso, 1968)

Vejam bem
Que não há
Só **gaivotas**
Em terra
Quando um homem
Se põe
A pensar

Quem lá vem
Dorme à noite
Ao relento
N'areia
Dorme à noite
Ao relento
Do mar
(...)



“Vejam Bem” tema do filme “O Anúncio”,
apresentado no Festival de Cinema Amador
pelo Cineclubes da Beira.

No contexto político da anunciada “Primavera Marcelista” José Afonso empenhou-se em diversas ações de propaganda ligadas à Liga de União e Acção Revolucionária (LUAR) e solidarizou-se com os presos políticos. A sua popularidade e intervenção em numerosos espectáculos acentuou a vigilância da PIDE, a proibição de actuações públicas, a interdição de visitar os familiares nas colónias e o sequestro de discos pela Censura. Em **“Já o Tempo se Habitua” (1969)** o autor regista com clareza a correlação de forças políticas contrárias à anunciada mudança, usando metaforicamente elementos estilísticos marítimos. Neste álbum, fruto da recolha de música tradicional portuguesa na procura de uma estética renovada, o autor demarca-se definitivamente da lírica coimbrã, ao recriar temas do cancionero popular e musicar poemas de intervenção, como “A cidade”, de José Carlos Ary dos Santos e “Era de noite e levaram” de Luís de Andrade, sobre as prisões arbitrárias da PIDE.

“Já o Tempo se Habitua” (José Afonso, 1969)

Já o tempo Se habitua
 A estar alerta
 Não há luz
 Que não resista
 À noite cega
 Já a rosa
 Perde o cheiro
 E a cor vermelha
 Cai a flor
 Da laranjeira
 À cova incerta.
 (...)
 Nem a rota
 Da gaivota
 Ao vento norte
 Nem toda
 A força do pano
 Todo o ano
 Quebra a proa
 Do mais forte
 Nem a morte.
 (...)



Prémio da crítica da Casa da Imprensa

No álbum *Traz Outro Amigo Também* (1970) o autor revela uma grande maturidade poética e musical que contribuiu decisivamente para a sua afirmação como renovador da música popular portuguesa, a par de outros cantores de intervenção como Adriano Correia de Oliveira em Coimbra, Luís Cília e José Mário Branco exilados em França. As referências a África e ao colonialismo surgem pela primeira vez em “Avenida de Angola” e “Carta a Miguel Djéje” refletindo as suas vivências em África. No texto de apresentação do álbum o escritor Bernardo Santareno realçou a pureza, como nota maior da arte de José Afonso. Pureza pela perfeita harmonia de símbolos, tradições, palavras e melodia que encontramos em “Canto Moço”, um poema de fraternidade a que não faltava a raiva de quem se sentia vigiado. Em breves notas José Afonso diz-nos que foi criado “para ser interpretado como música coral por duzentos figurantes de ambos os sexos e de todas as proveniências e condições como uma espécie de hino à Liberdade” (Simões & Mendes, 1995: 101). Nesse canto o autor reuniu os principais símbolos universais assumidos na sua poesia: o “mar”, como espaço infinito de integração no ritmo do universo, e de libertação; a “barca”, representando

a aventura; a **“oliva e a pomba”** como símbolos da paz, da pureza e da harmonia; a **“noite”**, símbolo da ignorância e da cegueira; a **“fogueira”**, símbolo de exaltação da vida e de clareza; o **“vento”**, como força anímica para a mudança e a **“madrugada”**, alvorada de um novo dia, portador da desejada liberdade.

“Canto Moço” (José Afonso, 1970)

I
Somos filhos da **madrugada**
Pelas praias do mar nos vamos
À procura de quem nos traga
Verde **oliva** de flor no ramo
Navegámos de vaga em vaga
Não soubemos de dor nem mágoa
Pelas praias do mar nos vamos
À procura da manhã clara.

II
Lá do cimo de uma montanha
Acendemos uma **fogueira**
Para não se apagar a chama
Que dá vida na noite inteira
Mensageira **pomba** chamada
Mensageira da **madrugada**
Quando a noite vier que venha
Lá do cimo de uma montanha

III
Onde o **vento** cortou amarras
Largaremos p’ la **noite** fora
Onde há sempre uma boa **estrela**
Noite e dia ao romper da **aurora**
Vira a proa minha **galera**
Que a vitória já não espera
Fresca, **brisa**, moira encantada
Vira a proa da minha **barca**.

Prémio da Casa da Imprensa



Em **“Fui à Beira do Mar” (1972)** José Afonso reafirma o seu compromisso político, num poema de incentivo à luta que antecedeu a sua detenção pela PIDE e a prisão em Caxias em 1973. Nesta fase da sua vida esteve proibido de lecionar e de cantar em Portugal, mas isso não o impediu de denunciar a repressão do regime e a guerra colonial em espetáculos realizados em Espanha e França. Este álbum foi apresentado como um trabalho coletivo, de músicos portugueses e espanhóis unidos numa espécie de fraternidade ibérica contra o fascismo, na luta pela liberdade e pela democracia.

“Fui à Beira do Mar” (José Afonso, 1972)

Fui à beira do mar
Ver o que lá havia
Ouvi uma voz cantar
Que ao longe me dizia

Ó cantador alegre
Que é da tua alegria
Tens tanto para andar
E a **noite** está tão fria
(...)
Sentei-me a descansar
Enquanto amanhecia
Entre o céu e o mar
Uma proa rompia.

Desde então a bater
No meu peito em segredo
Sinto uma voz dizer
Teima, teima sem medo



No álbum *Venham Mais Cinco* (1973) gravado em Paris o autor contou com a colaboração com José Mário Branco e de uma nova geração de músicos. Na canção **“Que Amor não me Engana”** a poesia atinge a vastidão do mar, livre de significados imediatistas e de interpretações lineares, sem perder o sentido da agitação sociopolítica que as suas intervenções poético-musicais possibilitavam no contexto da ditadura. O desejado “nascer do dia” concretizou-se na madrugada de 25 de Abril de 1974, “um dia inicial inteiro e limpo”, como escreveu Sofia de Mello Breyner, repleto de flores vermelhas e gritos de exaltação à liberdade.

“Que Amor não me Engana” (José Afonso, 1973)



The image shows the cover of the book 'Venham mais cinco' by José Afonso. The cover is white with a red illustration of a group of people, possibly a band or a group of workers, in a dynamic, dancing or marching pose. The title 'Venham mais cinco' is written in red, and the author's name 'José Afonso' is in black. There is a small logo in the top left corner.

(...)
Em novas coutadas
Junto de uma hera
Nascem flores vermelhas
Pela Primavera
Assim tu souberas
Irmã cotovia
Dizer-me se esperas
Pelo nascer do dia
E as vozes embarcam
Num silêncio aflito
Quanto mais se apartam
Mais se ouve o seu grito
Muito à flor das águas
Noite marinheira
Vem devagarinho
Para a minha beira.

Após a Revolução de Abril José Afonso assume-se como poeta militante e trovador da liberdade, participando activamente no Processo Revolucionário em Curso (PREC), desdobrando-se em múltiplas iniciativas culturais pela consolidação da democracia participativa, expressa claramente em “Viva o Poder Popular” (1975). Nesta fase de intensa actividade política e cultural por todo o país as temáticas marítimas perderam relevância, excepto para dar voz às conquistas populares d’ **“Os Índios da Meia Praia” (1976)**. Num poema que nos conta a história de um grupo de famílias de “trabalhadores do mar” oriundas de Monte Gordo que se fixaram em Lagos, nos areais da “Meia Praia”, na década de 1930, na procura de melhores condições de subsistência. No extenso areal construíram um aglomerado de cabanas e aí permaneceram ao longo de gerações, contando apenas com o esforço do seu trabalho. No âmbito de um programa habitacional pós 25 de Abril foi-lhes prometido o realojamento num bairro social, mas a burocracia adiou sistematicamente a concretização do projecto. Na luta pelo direito à habitação os “índios da Meia Praia” deitaram mãos

à obra e iniciaram a construção por sua conta e risco no âmbito do programa SAAL. Quando o bairro foi oficialmente legalizado, tinham sido investidas oito mil horas de trabalho de homens, mulheres e crianças. Em 1976, muitas das habitações sociais edificadas por iniciativa popular durante o período revolucionário não chegaram a ser concluídas, mas tal não sucedeu na Meia Praia. Numa acção de solidariedade o cineasta António Cunha Telles filmou o processo de luta empreendido entre 1974 e 1976, realizando o filme “Continuar a Viver – ou os índios da Meia Praia”, para o qual José Afonso compôs uma versão mais longa da que foi gravada em disco, criando uma simbiose entre a voz do povo e a voz do trovador da liberdade.

“Os Índios da Meia-Praia” (José Afonso, 1976)

Aldeia da Meia-Praia
Ali mesmo ao pé de Lagos
Vou fazer-te uma cantiga
Da melhor que sei e faço

De Monte-Gordo vieram
Alguns por seu próprio pé
Um chegou de bicicleta
Outro foi de marcha à ré
(...)



“Continuar a Viver – ou os índios da Meia Praia”
do cineasta António Cunha Telles, sobre o
processo de luta empreendido pelos pescadores
da Meia Praia (Lagos) entre 1974 e 1976.

Após a contrarrevolução de 25 de Novembro de 1975 o poeta-cantor expressa-nos as suas inquietações relativamente ao futuro da democracia participativa. Em “**Fura, Fura (1979)**” recorre a formas estilísticas utilizadas nas primeiras obras, enriquecidas pela sua experiência humana e artística. As referências ao “mar” e à “madrugada” ressurgem apelando à resistência em defesa das conquistas da revolução, mensagem seguida por uma nova geração de cantores e músicos, que influenciou e a quem passou o testemunho.

"Fura, Fura" (José Afonso, 1979)

(...)


Debaixo do céu
Que é pena, que é mágoa
Que uma ave de penas
Não possa voar
Às vezes
Não tenho jeito
P'ra falar de amigos
Meu amigo
Passageiro
Dá-me o teu capote
Para me abrigar
Vai num barco à vela
Numa aduela
Vai fazer-se ao mar.



Em 1981 regressou às raízes para um reencontro com a canção coimbrã, justificando o afastamento pelo contexto político da época: “vivia-se um intenso período de actividade antifascista e tudo o que fosse tradição tinha de ser rejeitado” (Sete, 1981). Como cantor reinterpreta a canção de Coimbra como herança cultural renovada, assumindo e definindo os contornos de todo o seu trabalho. Como poeta posiciona-se uma vez mais como provocador de emoções e agitador de mentalidades. Em 1982, numa entrevista a Fernando Assis Pacheco no “Jornal de Letras” afirmou: “o fado de Coimbra era um folclore de elite, apesar de popularizado e de atrair irresistivelmente os futricas, com quem os estudantes tinham uma relação de carinho e ressentimento”.

Em 1983 gravou o último álbum em que participou ativamente, dando sinais de uma vitalidade e lucidez criativa, situada entre a utopia e o desencanto. A obra contou com arranjos musicais de Júlio Pereira, José Mário Branco e Fausto e representa um olhar amadurecido e tranquilo de quem viveu a vida com intensidade e paixão. Em “Papuça” criou um dos mais belos poemas sobre o 25 de Abril, numa reflexão serena, quase existencial sobre o que se fez, e o que ficou por fazer na “revolução dos cravos”. Em **“Canção da Paciência”** recorreu a temáticas marítimas para expressar a inquietação e o desencanto pelo rumo da sociedade portuguesa, o sentimento de perda parece invadir o poeta, que ainda resiste, na esperança de novas madrugadas.

Em “Utopia”, refugia-se no inatingível e desejado ideal utópico de igualdade e fraternidade, interrogando-se: **“que outro rumo deverei seguir na minha rota?”**.

“Canção da Paciência” (José Afonso, 1983)	“Utopia” (José Afonso, 1983)
Muitos sóis e luas irão nascer Mais ondas na praia rebentar Já não tem sentido ter ou não ter Vivo com o meu ódio a mendigar. (...)	(...) Homem que olhas nos olhos Que não negas O sorriso a palavra forte e justa Homem para quem O nada disto custa Será que existe Lá para os lados do oriente Este rio este rumo esta gaivota Que outro rumo deverei seguir na minha rota?
	

Em **“Alegria da Criação” (1985)** associou metaforicamente as suas vivências ao universo da ruralidade, anunciando com serenidade e altivez a chegada da “morte-feiticeira”, síntese de uma vida vivida intensamente que o ensinou “a semear palavras na música”. A sua obra resiste a todos os tempos pela riqueza e diversidade do seu génio inquieto e poético, por ter dado rédea solta às suas emoções e criatividade para exprimir o mais persuasivo e generoso companheirismo, as mais belas incursões metafóricas, ao mesmo tempo que combateu frontalmente os opressores da liberdade e a hipocrisia.

"Alegria da Criação" Janita Salomé / José Afonso (1985)

Plantei a semente da palavra

Antes da cheia matar o meu gado
Ensinei ao meu filho a lavra e a colheita
num terreno ao lado

A palavra rompeu

Cresceu como a baleia
No silêncio da noite à lua cheia
Vi mudar estações soprar a ventania
Brilhar de novo o sol sobre a baía

Fui um bom engenheiro um bom castor

Amei a minha amada com amor

De nada me arrependo

Só a vida me ensinou a cantar esta cantiga

(...)



Para entendermos as influências do cancionero popular e da presença do mar na poesia de José Afonso, temos necessariamente de entender a importância das viagens como aprendizagem de vida, a boémia e o lirismo coimbrão entrosados numa ruralidade incorporada, marcada pela imaginação e fantasia de contos e canções populares, assim como o espírito aventureiro do trovador e o desassossego existencial do poeta, na procura ávida da fraternidade utópica. Como afirmou Luís Goes, José Afonso “nunca abdicou dos valores do humanismo e do culto das utopias, tão essenciais à sobrevivência do homem. Como homem de causas, acima de partidos políticos, fez das suas canções uma arma no combate às injustiças, à pobreza e às privações que também havia sentido ao longo da vida. Apesar de algumas vezes ser classificado de incoerente e contraditório, o facto é que nunca abdicou da sua liberdade crítica, nem da fraternidade utópica” (Cravo, 2006:96). A partilha das vivências e anseios dos subalternos, entrosadas em reflexões existenciais, configuraram a alma sensível do poeta-cantor, representante incontornável da canção de intervenção portuguesa.

Por tudo isto “Grândola, Vila Morena” foi o santo-e-senha musical da revolução de Abril, por representar as aspirações de todos os filhos e filhas da madrugada, como hino universal e intemporal de resistência a todas as formas de dominação, de fidelidade aos valores da liberdade, igualdade e fraternidade e ao princípio irrevogável de que “o povo é quem mais ordena”.

“José Afonso nunca abdicou dos valores do humanismo e do culto das utopias, tão essenciais à sobrevivência do homem. Como homem de causas, acima de partidos políticos, fez das suas canções uma arma no combate às injustiças, à pobreza e às privações que também havia sentido ao longo da vida. Apesar de algumas vezes ser classificado de incoerente e contraditório, o facto é que nunca abdicou da sua liberdade crítica, nem da fraternidade utópica” (Luís Goes, citado em Jorge Cravo. 2009. José Afonso. Da Boémia Coimbra à Fraternidade Utópica. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra., p. 96).



(...)

Em cada esquina um amigo

Em cada rosto igualdade

Grândola, vila morena

Terra da fraternidade

Terra da fraternidade

Grândola, vila morena

Em cada rosto igualdade

O povo é quem mais ordena

(...)